

# Contos de fé e virtudes



# Contos de fé e virtudes



Robert Reid Kalley



São Paulo, SP

Copyright © 1863, Robert Reid Kalley  
Título do original: Contos para as choupanas

*Todos os direitos desta edição reservados para*

EDITORIA GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP — CEP 01.311-927

[www.editoragadel.com.br](http://www.editoragadel.com.br)

1.<sup>a</sup> edição, 2025

Proibida a reprodução por quaisquer meios,  
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Edição de texto: *Paula Jacobini*

Capa e diagramação: *Marcos Jundurian*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Kalley, Robert Reid

Contos de fé e virtudes / Robert Reid Kalley. – 1. ed. – São Paulo : Editora Gadel, 2025.

102 p.: il., 21 cm

ISBN 978-65-83273-05-5

1. Contos cristãos 2. Literatura cristã I. Título.

25-266615

CDD-230

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura cristã 230

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380





# Sumário

<b>Prefácio .....</b>	7
<b>O barqueiro feliz .....</b>	11
<b>A história de Maria da Silva</b>	
1. A fugitiva .....	25
2. A quebra do grande espelho .....	33
3. Mentiras e mais mentiras .....	39
4. Palavras do velho à pobre Maria .....	47
5. O pretendente .....	53
6. A moléstia e a morte .....	57
<b>Os dois soldados</b>	
1. O Dragão Verde .....	63
2. Pensamentos e palavras no caminho .....	67
3. Conversa noturna no feno .....	71
4. O bom soldado vai pedir esmolas .....	77
5. O bom coronel .....	81
<b>O homem diligente .....</b>	85





# Prefácio

Robert Reid Kalley foi um médico e missionário escocês cuja vida e obra deixaram marcas profundas na história do cristianismo protestante em terras lusófonas. Nascido em 1809, em Mount Florida, próximo a Glasgow, na Escócia, Kalley formou-se em medicina e iniciou sua carreira atendendo aos necessitados, movido tanto por vocação profissional quanto por um forte senso de compaixão cristã.

Inicialmente, o propósito de Kalley era exercer sua vocação em Cantão, na China, mas, devido à condição frágil de saúde de sua esposa, decidiu ir para a Ilha da Madeira, em Portugal. Enfrentando um contexto político e religioso hostil, ele se dedicou à educação e à propagação do Evangelho entre os madeirenses: ali, fundou um hospital, vinte escolas e começou a distribuir bíblias. Sua atuação causou grande impacto, mas também severa perseguição, devido ao controle que a Igreja Católica Romana exercia

no país, onde o protestantismo era proibido a todos os portugueses. Kalley chegou a ser preso e sofreu atentados, até que, em 1846, conseguiu fugir.

A fuga, no entanto, não interrompeu sua obra missionária; pelo contrário. Após deixar Madeira, Kalley levou um grupo de convertidos ao Caribe e, mais tarde, ao Brasil, onde continuou seu ministério. Estabeleceu-se no Rio de Janeiro e fundou, em 1855, a Igreja Evangélica Fluminense — considerada a primeira igreja protestante de língua portuguesa no Brasil — e teve papel essencial na consolidação das comunidades evangélicas brasileiras.

Além de sua atividade missionária, Kalley preocupava-se com a educação e com a difusão de uma fé acessível a todos. Foi nesse espírito que publicou textos como *Contos de fé e virtudes*, reunindo histórias simples e didáticas, voltadas à instrução moral e espiritual. Essas narrativas buscavam comunicar verdades bíblicas de forma clara e cativante, refletindo sua profunda sensibilidade pastoral. A maior parte dos escritos de Kalley em português, além de suas contribuições para revistas seculares, foi publicada pela Religious Tract Society e veiculada tanto em Portugal como no Brasil.

Robert Reid Kalley faleceu em 1888, na Escócia, deixando um legado duradouro de fé, serviço e compromisso com a Palavra de Deus. Sua vida foi marcada por coragem, compaixão e uma incansável dedicação à causa

do Evangelho — uma herança que ainda inspira leitores e cristãos ao redor do mundo.



# O barqueiro feliz



Um cavalheiro e sua senhora, indo uma tarde passear nas margens do Tâmisa, viram ao longe um pequeno barco com um barqueiro muito asseado. Quando o barco vinha se aproximando da terra, leram na popa estas palavras: “O barqueiro feliz”. Embarcaram para dar um passeio; começaram logo a conversar com o homem e, perguntando-lhe acerca de sua vida, vieram a saber que era casado e pai de cinco filhos; e que também sustentava o sogro e a sogra com o fruto do seu trabalho. O casal se admirou muito do título que ele se tinha dado, e o cavalheiro lhe perguntou:

— Pois, meu amigo, se essa é a sua vida, por que é que se intitula “O barqueiro feliz”?

— Bem, posso lhes explicar isso — respondeu o barqueiro — se me concederem licença.

Disseram-lhe que nisso ele lhes daria grande prazer; e o barqueiro contou o que se segue.

— Tenho observado que muitas vezes a maior felicidade tem aparência de uma grande desgraça; e, na verdade, tem sido assim na minha história. Meu pai era barqueiro, e eu o ajudava no barco com o rendimento do qual sustentava a família. Ele morreu há anos, deixou uma família numerosa, e depois da sua morte foi necessário, para satisfazer suas dívidas, vender o barco. Desfiz-me dele com muito pesar, mas a pena que isso me causou serviu de estímulo para me obrigar a trabalhar com mais ardor; dizia eu: ‘farei toda a diligência para tornar a recuperar o meu barquinho’. Fui falar

com o homem que o tinha comprado e disse-lhe qual era a minha intenção. Ele o tinha comprado por trinta mil-réis fortes; mas disse-me que, visto eu ter sido o primeiro dono, o venderia para mim pelo mesmo dinheiro. “O barco ainda será meu”, exclamei; e essa ideia me arrebatou.

“Quando isso aconteceu, eu já era casado com uma boa moça, vivíamos numa casa pequena, minha mulher era robusta e trabalhadora, assim como eu, e nos estimávamos um ao outro. Com esses precedentes, o que nos seria difícil empreender?

Meu pai costumava sempre me dizer: ‘Faça o seu dever; trabalhe com diligência e gaste o dinheiro com cuidado; procure sempre o socorro de Jesus, e então Deus abençoará os seus esforços.’ Guardamos na lembrança esses preceitos, com a determinação firme de executá-los.

Minha mulher há muito sustentava seus pais já idosos; eu os amava como se fossem os meus próprios; e o desejo de contribuir para o seu sustento era ainda mais um incentivo para eu me esforçar a comprar o barco.

Obtive o lugar de trabalhador na fazenda de um cavaleiro; e minha mulher era muitas vezes chamada para ajudar as criadas no trabalho doméstico: e quando não tinha trabalho alheio, ficava em casa costurando ou fiando. Enfim, não deixávamos perder um momento sem trabalhar. Poupávamos alguma coisa, socorríamos os nossos vizinhos em casos urgentes, líamos pela manhã e à noite os conselhos

de Nosso Senhor, pedíamos saúde, juízo e salvação, e todas as semanas sobrava-nos alguma coisa que guardar, a fim de comprar o barco.

Se por algum meio inesperado ou por alguma obra de caridade recebíamos algum vintéim, não o gastávamos em coisas supérfluas, mas guardávamos tudo para o nosso barquinho. Quanto mais cuidado tomávamos, mais satisfação sentíamos, porque tínhamos mais esperança de conseguir o nosso intento!

Essa esperança tornava o nosso trabalho menos pesado; e ainda que a família ia aumentando, também com ela aumentava o número dos nossos amigos; porque o asseio e a frugalidade que havia em nossa casinha e o contentamento e a alegria que sempre reinavam lá chamaram a atenção dos nossos vizinhos mais abastados, e principalmente dos meus patrões, que tinham por preceito “ajudar os industriosos, mas nunca favorecer os ociosos”. Não eram de opinião que se devesse dar dinheiro aos pobres; mas de inverno, ou quando faltava alimento, concorriam para que tivéssemos tudo mais barato, e isso para nós era o mesmo que dar-nos dinheiro, porque todos os sábados, quando contávamos o dinheiro para as despesas da semana, tudo o que se tinha poupado por as coisas ficarem mais cômodas era guardado. Se algum dos pequenos ganhava um vintéim na escola para comprar doces, trazia-o para casa, pois diziam eles: ‘para

o pai guardar para o nosso barquinho; porque enquanto o pai não o conseguir, não queremos comer gulodices'.

Dessa maneira, foi pouco a pouco crescendo o nosso pecúlio, até que só faltavam cinco mil-réis para completar os trinta; quando me aconteceu o que vou lhes contar.

Indo para casa uma noite de trabalho, vi no caminho uma pequena carteira! Apanhei-a, e abrindo-a achei um cheque de cinquenta mil réis, que reconheci pertencer a meu patrão, porque a carteira tinha seu nome escrito, e eu o tinha visto passar por ali naquela mesma tarde. Como já fosse tarde para voltar à fazenda, continuei meu caminho para casa. Logo que cheguei, contei à minha família o que tinha se passado. Os pequenos ficaram muito contentes.

— Meus filhos — perguntei-lhes — que alegria é essa?

— Pai! Pai! O barco! O barco! Agora podemos comprar dois em vez de um.

Olhei para eles com um olhar severo, e perguntei-lhes se não sabiam de quem era o dinheiro. Responderam:

— Sim, é seu, porque o achou.

Fiz-lhes ver que o dinheiro não me pertencia, e perguntei-lhes: se eu por acaso tivesse perdido a nossa bolsa com o dinheiro, gostariam que quem o achasse ficasse com ele? Calaram-se logo, e reconheceram a justiça dessa observação, e tornaram-se pálidos com a ideia de perder o dinheiro que tanto nos tinha custado a ganhar. Disse-lhes, então, que esse acontecimento servisse de lição para o futuro, e que